
SEGAWA, Hugo. Flávio Lichtenfels Motta.
Thésis, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 24-44, nov./
dez. 2017

data de submissão: 11/01/2017
data de aceite: 22/11/2017

Flávio Lichtenfels Motta

Hugo Segawa

Hugo Segawa é Livre-Docente em Arquitetura e Urbanismo;
Professor da FAU USP; segawahg@usp.br

Resumo

O Professor Flávio Motta (1923-2016) foi um dos fundadores do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Seu falecimento em julho de 2016 ensejou uma memória introdutória sobre sua importância na formação de gerações de arquitetos da FAU USP, a partir do depoimento de um ex-aluno que tomou caminho na área da História da Arquitetura.

Palavras-chave: Ensino e pesquisa – História da Arquitetura e Arte, Flávio Lichtenfels Motta, História da Arquitetura – FAU USP.

Abstract

Professor Flávio Motta (1923-2016) was one of the founders of the Department of History of Architecture and Aesthetics of Project of the Faculty of Architecture and Urbanism of the University of São Paulo. His passing in July 2016 and the silence of academia motivated this introductory essay of his role in the formation of generations of architects of FAU USP, from the testimony of a former student who took the path in the field of History of Architecture.

Keywords: guidelines, submission, paper, model.

Resumen

Profesor Flávio Motta (1923-2016) fue uno de los fundadores del Departamento de Historia de la Arquitectura y Estética del Proyecto de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad de São Paulo. Su pasamiento en julio de 2016 y el relativo silencio de la academia he sugerido este ensayo introductorio de su importancia en la formación de generaciones de arquitectos de la FAU USP, por el testimonio de un ex alumno que tomó el camino en el campo de la Historia de la Arquitectura.

Palabras-clave: Enseñanza e investigación – Historia de la Arquitectura y Arte, Flávio Lichtenfels Motta, Historia de la Arquitectura – FAU USP.

“— Meu nome é Flávio. E o seu?”

“— Meu nome é Roberto.”

Essas foram as primeiras palavras ao microfone em uma palestra no lotado auditório da FAU USP em algum momento no início dos anos 1980. Talvez poucos ali conhecessem ‘Flávio’. Todos vieram ver e ouvir Roberto Burle Marx. Só poderia haver essa abertura informal não fosse a longa camaradagem entre as duas figuras. Naquela altura, nem os estudantes da graduação da FAU reconheceriam o despojado mestre de cerimônias: Flávio Motta, professor, crítico e historiador da arte e da arquitetura, artista plástico, e talvez outras personificações para alunos, companheiros de ensino e das artes.

Creio que essa maneira de ser apenas ‘Flávio’ é uma razão pela qual, a partir da segunda metade dos anos 1980, o Professor Flávio Motta apagou-se. Mas não sumiu. Ele permaneceu no imaginário de muitos ex-alunos, ex-funcionários e colegas. Desapareceu com seu falecimento em 8 de julho de 2016, aos 92 anos de idade. Sua invisibilidade pública nos últimos trinta anos resultou em algumas poucas notícias, um obituário burocrático, um esquecimento melancólico.

Se tivesse que apresentá-lo a um público que não o conheceu, diria: “na FAU USP, tanto quanto Vilanova Artigas significa para Projeto, Flávio Motta significa para a História da Arquitetura e Estética do Projeto”.¹ A FAU USP é o que é (com todas suas contradições) pelo seu lado visível — João Batista Vilanova Artigas — e seu lado invisível: Flávio Lichtenfels Motta.

¹ A presença de Saul Steinberg (1914-1999) no Brasil em 1952 foi registrada por Flávio Motta em artigo: MOTTA, Flávio. Steinberg no Brasil. *Habitat*, São Paulo, n. 9, 1952, p. 17.

Não há reunião de reencontro de colegas em que não seja lembrado. A nossa turma foi a última que teve aula com ele na graduação em 1975, na disciplina de História da Arte do 1º semestre do curso. Não o vimos mais na escola no ano seguinte. Dizia-se que ele teve que ser afastado por problemas de saúde (asseguro que os ingressantes de 1975 não tivemos nenhuma responsabilidade por essa licença médica...). Sabe-se que Flávio Motta esteve como professor convidado do curso de Arquitetura da Universidade Federal do Ceará em 1976. O Prof. Neudson Braga comentou-me, em 2008, que sua passagem por Fortaleza foi difícil, precisamente pelos problemas de saúde que o afastaram da regularidade das salas de aula, do ensino da graduação.

A maioria de seus ex-alunos se recorda da sua aula sobre o quadro “As Meninas” de Velázquez. A nossa turma lembra-se do episódio do sapoti, em especial.

Qual é a relação entre a fruta e a pintura do espanhol? Perguntem a qualquer aluno da turma de 1975. As atitudes e comportamentos daquele professor de cabelo desgrenhado, rosto anguloso, de blazer e usualmente com cachecol, fascinava os estudantes com seus insights, olhares, gestos, sua maneira de ser. Ele é um professor inesquecível para muitas turmas da FAU. Teria sido, ou virou uma persona?

Ademais de sua presença pessoal, ele ainda estava na ordem do dia com os *Caminhos do Jaraguá* em 1974, com Marcelo Nitsche, intervenção nos pilares do Elevado Costa e Silva (hoje Elevado João Goulart) sobre a Avenida São João. Nas palavras do próprio Motta:

Uma sucessão de painéis, onde predominam formas geométricas, seguindo um ritmo, uma verdadeira história para aqueles que viajam de ônibus e demandam a Zona Oeste, a Lapa, Freguesia do Ó e adjacências. Pensamos em pintar espaços que não existem; pensamos em converter parte da cidade numa sequência organizada, quase cinematográfica. [...], O espaço por baixo do "Minhocão" é por demais deprimente para não permitir esse gênero de sonho. (MOTTA, 1974)

Estamos falando de 1975. A apostilaria da FAU vendia duas publicações suas: *Textos Informes*, e um opúsculo de 96 páginas, sem título, com desenhos assinados 'FLM'. A autoria por extenso dessa intrigante publicação aparece apenas na antepenúltima página. Uma obra de experimentação impressa com a cumplicidade do João Pereira, o 'Joãozinho' da recém-criada gráfica, iniciativa do primeiro diretor ex-aluno da escola, Prof. Nestor Goulart Reis. (Vale recordar que o hoje batizado Edifício Vilanova Artigas, na Cidade Universitária, foi inaugurado em 1969). Esse espaço se tornou o berço de diversos artistas gráficos que se criaram no ambiente plural da FAU. Muitos desenhos de FLM, associáveis ao diálogo que ele teve com Saul Steinberg,² estavam disponíveis em impressos mambembes (do ponto de vista hodierno) na biblioteca da escola.

² Respectivamente: *Acrópole*, São Paulo, n. 343, p. 17-18, set. 1967; *Acrópole*, São Paulo, n. 372, p. 25-26, abr. 1970.

Textos Informes (MOTTA, 1973) era uma apostila de 70 páginas, que registra no crédito Zilah Carneiro Teixeira na "coordenação da edição." Dona Zilah era secretária na FAU. Depois de aposentada continuou a datilografar para professores, na então impecável máquina de escrever elétrica IBM, "paleografava" os manuscritos do Prof. Carlos Lemos e atendia jovens escribas como eu. Não conheço uma primeira edição dessa publicação, que reuniu os elegantes e diretos escritos de FLM. Alguns textos traziam títulos lacônicos: "Nelson Leirner"; "Carlos Leão"; "Sergio Ferro".

Os ensaios "Paulo Mendes da Rocha" e "Arquitetura brasileira na Expo-70" (originalmente publicadas na

revista *Acrópole*³) foram as portas de acesso ao pensamento desse arquiteto que pairava na escola como professor recém-afastado, junto com Artigas e Jon Maitrejean, vítimas dos tentáculos da ditadura militar na USP. Considero o primeiro texto o melhor olhar sobre Mendes da Rocha escrito até hoje. Fez-nos procurá-lo em seu escritório. Gentilmente, sugeriu aos estudantes três casas para visitar: a sua própria, no Butantã, a de Marcelo Nitsche,⁴ no mesmo bairro, e a de Lígia Carneiro,⁵ na região de Interlagos. Obras que, para alunos do 1º ano do curso, foram absolutamente impactantes.

FLM não foi um autor de textos de fôlego. A biblioteca da FAU USP registra poucos trabalhos seus, publicados ou disseminados de forma quase subterrânea, bem distante do que hoje seria o “academicamente correto.” É preciso alguém mais desenvolvido que a gentil Dona Zilah para coordenar a reunião de seus escritos.

Resistem em poucos e puídos exemplares na biblioteca da FAU a dissertação *Contribuições ao Estudo do “Art Nouveau” no Brasil* (MOTTA, 1957), apresentada para o concurso à cadeira de História da Arte e Estética da FAU USP. Rever esse trabalho hoje (2016) permite-me entender como esse escrito de 1957 impressionou um jovem aspirante a pesquisador que o leu cerca de vinte anos depois de publicado, em uma época em que a ambição de qualquer estudante da FAU era ser planejador urbano, profissional liberal com seu próprio ateliê. Desde uma disciplina optativa oferecida pela Professora Aracy Amaral, que versava sobre pesquisa em arte e arquitetura, que cursei no 2º ano, abria-se a perspectiva da pesquisa como rumo na multiplicidade de caminhos dentro da escola, e com a professora que foi o par de FLM nas aulas do 1º ano.

Era uma circunstância específica do ambiente cultural da FAU. Naqueles anos, estagiei com Benedito Lima de Toledo e Carlos Lemos, que elaboravam o “Programa Toledo/Lemos de Preservação de Bens Culturais Arquitetônicos da Cidade de São Paulo.” Foi um projeto que identificou um conjunto de edifícios para preservação, não pelo tombamento, mas como “zonas especiais de interesse cultural” dentro do plano de zoneamento da cidade de São Paulo que então se desenvolvia.⁶ A quase

³ As fotos dessa visita encontram-se depositados na Biblioteca da FAU USP, dentro do projeto Arquigrafia: <http://www.arquigrafia.org.br>

⁴ Na época, em construção. Não há referência posterior se essa obra foi concluída.

⁵ Esse programa foi contextualizado em: ANDRADE, Paula Rodrigues de. *O patrimônio da cidade: arquitetura e ambiente urbano nos inventários de São Paulo da década de 1970*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2012, p. 70-96 (orientação Prof. Dr. Paulo César Garcez Marins).

⁶ A edição do texto da revista, realizada por Ruth Verde Zein, difere em vários pontos daquele publicado em livro. Em alguns casos, se complementam.

totalidade dos bens arrolados provinha da percepção de se salvaguardar construções enquadráveis como do ecletismo. No artigo “São Paulo e o Art Nouveau,” publicado na revista *Habitat* em 1953, FLM alertava:

Partimos da ideia que seria útil apenas chamar a atenção sobre o problema, uma vez que historiógrafos insistem em desdobrar a história da arte brasileira, exclusivamente na pauta do barroco. A tal ponto chegou esse desvio que a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional está, hoje em dia [1953], transformada em órgão especializado na preservação e estudo dos monumentos barroco-coloniais. Em São Paulo, como restam apenas poucos exemplares de arquiteturas dos séculos XVI, XVII e XVIII, a Diretoria tornou-se, por consequência, um órgão de ação restrita. Todavia — apesar das inúmeras dificuldades de ordem material e de ordem administrativa — não se justifica o descuido e o desinteresse na apreciação de monumentos em outros estilos, que influíram sensivelmente na formação artística do país. (MOTTA, 1953)

O que hoje parece óbvio, não o era em 1953, e em meados da década de 1970, tampouco. Foi um indício para rumos a seguir.

O que a dissertação de FLM chamou a atenção do então estudante era a maneira como construía um conciso e rigoroso panorama do Art Nouveau a partir do manejo e interpretação de referências bibliográficas internacionais; e, principalmente, como estabeleceu uma dialética desse panorama com o Brasil e suas manifestações. Foi pioneiro introduzindo a interpretação da semente de uma modernidade nas obras de Eliseu Visconti e Victor Dubugras. São desdobramentos dessa interpretação a tese de livre-docência de Benedito Lima de Toledo (1985), *Victor Dubugras e as atitudes de inovação em seu tempo*, defendida em 1985, e o livro *Racionalismo e Protomodernismo na obra de Victor Dubugras*, de Nestor Goulart Reis (1997).

A segunda metade dos anos 1970 caracterizou-se por uma revisão dos cânones historiográficos de viés moderno-ortodoxo: Arthur Drexler, o poderoso curador do Departamento de Arquitetura e Design do Museu de Arte Moderna de Nova York de 1951 a 1985, reabilitou na exposição *Architecture of the École des Beaux Arts* em 1975, no templo da modernidade ocidental que era o MoMA, preceitos e atitudes que a arquitetura moderna havia banido. (DREXLER, 1977) Era possível ler na

biblioteca da FAU a coleção da revista britânica *Architectural Design*, como as edições especiais London 1900 (1978) e The Beaux-Arts (1978), na qual se lia artigos como “Learning the wrong lessons from the Beaux-Arts” de Denise Scott-Brown, “The writing on the wall”, de Anthony Vidler, “The Beaux-Arts Plan”, de Alan Colquhoun ou “Le Systeme des Beaux-Arts” de David Van Zanten. *Architectural Design* foi um dos nascedouros do pós-moderno na arquitetura.

FLM nada tinha a ver com essa efervescência internacional. Mas a conjunção desses fatores resultou no meu TGI (Trabalho de Graduação Interdisciplinar, nome que se dava na FAU USP ao atual TFG – Trabalho Final de Graduação) concluído em 1979. Esse TGI se tornou no ano 2000 o livro *Prelúdio da Metrópole: arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX* (SEGAWA, 2000). Os seus textos sobre Art Nouveau foram premonitórios acerca da valorização do ecletismo no Brasil no último quartel do século XX, e combustível na cabecinha de um aprendiz de pesquisador aos 23 anos.

Nunca fui próximo a FLM. Não o visitei em sua casa na rua Bartira, como muitos privilegiadamente o fizeram, e guardam recordações extraordinárias dessa verdadeira experiência. Fui apenas seu aluno; e como aluno, devo reconhecer que ele foi um professor importantíssimo.

Todavia, guardo um episódio inesquecível com ele. Em 1983 a editora Nobel publicou de FLM o livro *Roberto Burle Marx e a nova visão da paisagem* (MOTTA, 1983), um clássico da História do Paisagismo do Brasil. Eu tinha contato com a dona e editora, Carla Milano, também uma ex-aluna de FLM, que apreciou muito uma comunicação que eu havia apresentado no Congresso do Barroco no Brasil em Ouro Preto, em 1981. Sei que Carla apresentou FLM com uma separata da comunicação, “Os jardins públicos coloniais e o Passeio Público do Rio de Janeiro” (SEGAWA, 1996), pelo interesse comum no tema paisagem e paisagismo. Um dia qualquer, quando frequentava a Vila Penteado (sede da pós-graduação da FAU USP) como estudante do mestrado, FLM, em uma das suas “aparições”, não me recordo bem como, reconheceu-me como o autor daquela separata. Naquela gestualidade que lhe era peculiar (muitos colegas descrevem situações parecidas), ele se aproximou e, como que sussurrando, mas sem sussurrar, disse: “— Você é o Hugo? Venha

comigo!” Puxou-me pelo braço (como ele fazia com todos alunos) e me arrastou à biblioteca. Lá, ele abriu um volumoso dicionário de inglês, e apontou o verbete “Landscape”: “a portion of territory that can be viewed at one time from one place.” Creio que era um Webster’s, em uma versão que trazia a etimologia dos termos. E fiquei ouvindo uma arrebatadora preleção sobre a paisagem, a partir do étimo da palavra. Aprendi a compreender o mundo pelas palavras. Aquela separata (cuja origem estava na disciplina optativa que cursei no 2º ano com Aracy Amaral) foi a raiz da minha tese de doutorado *Ao Amor do Público: jardins no Brasil* (SEGAWA, 1996), que Carla Milano publicou.

Apesar dos problemas de saúde, FLM frequentou a FAU até meados dos anos 1980. Eram “aparições” em que ele entrava na aula alheia, acompanhava a preleção e, no momento da discussão, intervinha. Os depoimentos coincidem com o que testemunhei, para a exasperação do professor da sala, e para o deleite dos alunos. Seu discurso, no início, soava desconexo, extemporâneo, acompanhado com a condescendência do colega. No meio da fala, certas colocações pareciam começar a fazer sentido. Ao final, FLM estabelecia a meada entre a conclusão e o preâmbulo suposto ininteligível, desconstruindo a lição proferida pelo mestre em sala — que se curvava ao brilhantismo da argumentação.

A “aparicação” mais memorável aconteceu em 29 de junho de 1984. Nesse dia, João Batista Vilanova Artigas foi arguido por notáveis, em seu concurso para Professor Titular da FAU USP. FLM estava entre os examinadores. Há uma extraordinária foto de Abelardo Alves Neto em que Artigas, sentado, ouve FLM, e como fundo o seu desenho a giz no quadro-negro, do pilar da FAU e a escrita “É preciso fazer cantar o ponto de apoio”.⁷ O teor dessa arguição é conhecido nos registros publicados na imprensa da época (UMA LIÇÃO..., 1984) e em livro (ARTIGAS, 1989). Talvez tenha passado despercebido que a menção ao aforismo de Auguste Perret resgatava um diálogo particular entre ambos, revelando uma referência nunca antes creditada por Artigas. Se confrontarmos as alegorias e conceitos dos textos e falas de Artigas com os textos de Perret, encontraremos metáforas tributárias de uma peculiar leitura do brasileiro sobre as ideias do arquiteto francês. FLM desconstruiu Artigas.

⁷ Agradeço as leituras e sugestões de Antônio Carlos Barossi, Eliana Marques de Azevedo, Fernando Atique, Juliana Suzuki, Patrícia Orfila Barros dos Reis.

Não serão poucas as pessoas que poderão evocar episódios, atitudes, ensinamentos e alegorias desse personagem tão importante quanto esquecido. Entre reminiscências do estudante e do pesquisador, posso ter cometido um retrato do querido mestre à maneira de uma máscara de Steinberg.

Referências

- ARTIGAS, João Batista Vilanova. *A função social do arquiteto*. São Paulo: Nobel; Fundação Vilanova Artigas, 1989, p.25-83.
- DREXLER, Arthur (Ed.). *The Architecture of the École des Beaux-Arts*. New York: The Museum of Modern Art, 1977.
- London 1900. *Architectural Design*, London, v. 48, n. 5-6, 1978 (A.D. Profiles 153).
- MOTTA, Flávio L. *Roberto Burle Marx e a nova visão da paisagem*. São Paulo: Nobel, 1983.
- MOTTA, Flávio L. *Superfícies habitáveis* (Memorial I). [São Paulo: s.n, 1974]. Mimeografado, 4 p.
- MOTTA, Flávio. *Contribuições ao estudo do "Art Nouveau" no Brasil*. São Paulo: s.n., 1957.
- MOTTA, Flávio. São Paulo e o Art Nouveau. *Habitat*, São Paulo, n. 10, p. 3-18, 1953.
- MOTTA, Flávio. *Textos informes*. 2.ed. São Paulo: FAU USP, 1973.
- REIS, Nestor Goulart. *Racionalismo e proto-modernismo na obra de Victor Dubugras*. São Paulo: Fundação Bial de São Paulo, 1997.
- SEGAWA, Hugo. *Ao amor do público: jardins no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel; Fapesp, 1996.
- SEGAWA, Hugo. Os jardins públicos coloniais e o Passeio Público do Rio de Janeiro. *Barroco*, Belo Horizonte, v. 12, 1982-1983, p. 147-160.
- SEGAWA, Hugo. *Prelúdio da metrópole: arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2000.
- The Beaux-Arts. *Architectural Design*, London, v. 48, n. 11-12, 1978.
- TOLEDO, Benedito Lima de. *Victor Dubugras e as atitudes de inovação em seu tempo*. Tese (Livre-docência em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1985.
- UMA lição de vida. *Projeto*, São Paulo, n. 66, ago, 1984, p. 75-78.

